

A história de Inês de Castro para o público infantojuvenil

Bianca Rosina Mattia

A famosa história de Dom Pedro I e Inês de Castro é narrada para o público infantojuvenil em uma edição ilustrada, publicada pela Companhia das Letrinhas em 2015 no Brasil. O livro intitula-se *Inês*¹, de autoria de Roger Mello e ilustrações de Mariana Massarani.

Escritor e ilustrador, Roger Mello é brasileiro e com bastante destaque no cenário literário infantojuvenil. Autor, dentre outros, de *Vizinho, Vizinha* (2002) e de *João por um fio* (2006), recebeu, em 2002, o prêmio suíço *Espace-enfants* e o *Prêmio Jabuti* nas categorias infantojuvenil e ilustrações com o livro *Meninos do mangue*, editado e publicado pela Companhia das Letrinhas em 2001. Além disso, tornou-se *hors-concours* dos prêmios da *Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil* e, como ilustrador, recebeu o prêmio *Hans Christian Andersen* – considerado o Nobel da literatura infantojuvenil – em 2014.

Mariana Massarani já ilustrou vários livros infantis de diversos autores sendo que sua parceria com Roger Mello não é inédita nesta edição – são dela as ilustrações em *Vizinho, Vizinha* (2002) –. Muito de seu trabalho também pode ser acompanhado nos blogs² que autora mantém ativos. Além disso, Mariana Massarani é também escritora – dentre outros, de *Victor e o Jacaré* (1993), *Banho!* (2006), *Adamastor o Pangaré* (2007), *Quando Pedro Tinha Nove Anos* (2009) e *Os Mergulhadores* (2010) – já tendo ganhado o *Prêmio Jabuti de Literatura* em 1997 e em 2003, na categoria ilustração de livros infantis e juvenis.

A famosa história de Inês de Castro é apresentada para o público infantojuvenil em uma narrativa poética – ou, como afirma a editora Lilia Moritz Schwarcz, no posfácio da edição, um “poema em forma de livro” –, cujo eu lírico é a voz de Beatriz, filha de Pedro e Inês. Tudo começa quando ela, Beatriz, “ainda não era uma vez” (MELLO, 2015a)³, e Inês chegou para ser ama da princesa Constança, esposa de Pedro.

A narrativa apresenta alguns diálogos, às vezes entre personagens – sendo fácil identificar os interlocutores –, às vezes um diálogo do eu lírico com um interlocutor

¹ O livro *Inês*, de Roger Mello e Mariana Massarani, recebeu no dia oito de junho o Prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) – Produção 2015, na categoria Criança *Hors-Concours*. Informação disponível em: <<http://www.fnlij.org.br/site/publicacoes-em-pdf/item/743-pr%C3%AAmio-fnlij-2016-produ%C3%A7%C3%A3o-2015.html>>. Acesso em: 31 maio 2016.

² Dentre eles: “Capa dura em Cingapura”, disponível em: <<http://capaduraemcingapura.blogspot.com.br/>>; “muitos desenhos”, disponível em: <<http://marianamassarani.blogspot.com.br/>> “Tatuí Design Estamparia”, disponível em: <<http://tatuidesign.blogspot.com.br/>> e “Animações Dois Massaranis”, disponível em: <<http://animacoesdoismassaranis.blogspot.com.br/>>.

³ O livro não apresenta paginação numérica.

oculto, que mais parece ser de Beatriz consigo mesma⁴ e, por outras vezes, um diálogo com o/a próprio/a leitor/a⁵. Esse jogo narrativo mostra-se fundamental no que tange à relação da própria narrativa com o/a leitor/a, sobretudo, trazendo este/a para uma efetiva interação com a história.

Pedro, casado com Constança, ama Inês. Mas a princesa Constança morre e Dom Afonso, pai de Pedro, ordena “[...] levarem Inês para bem longe./ pra torre de um castelo em Castela./ no alto de uma escarpa./ onde nem brisa nem passarinho chegavam./ Briga vermelha, curva de alga.” (MELLO, 2015a). Pedro e Inês passam a escrever cartas um para o outro, até que Pedro vai ao encontro de Inês, “[...] viver nas margens do Mondego. Na Quinta das Lágrimas? Na Quinta das Lágrimas./ O nome da quinta ainda não era esse.” (MELLO, 2015a). Lá, eles tiveram quatro filhos “Primeiro Afonsinho, depois eu [Beatriz], depois João, depois Dinis./ Agora sim, agora eu era uma vez.” (MELLO, 2015a).

Inês foi morta por um dos três conselheiros “Álvaro, Pero ou Diogo, não sei qual dos três, empunhou/ a adaga./ A lâmina entrou macia pela barriga de Inês./ [...] Agora Inês é morta.” (MELLO, 2015a). Pedro ordenou desenterrar Inês e seu corpo seguiu em cortejo para Coimbra “E todos vieram a tempo de ver a rainha morta ser coroada. [...] todos tiveram que beijar a mão da rainha morta.” (MELLO, 2015a).

Luiz Vaz de Camões, em *Os Lusíadas*, Bocage, em *À morde de Inês de Castro*, mais recentemente, Ana Luísa Amaral, em *Inês e Pedro: quarenta anos depois*, são apenas alguns dos poetas que também contaram essa história e é dela que a expressão “Inês é morta”⁶ tem sua origem. Trata-se, portanto, de uma narrativa carregada de todo um relato histórico, mas também de como, com o passar do tempo, foi (re)construída pelo imaginário popular e também pelos poetas. Nesse sentido, a escolha para inseri-la na literatura infantojuvenil mostra-se relevante⁷ por aspectos como: a linguagem utilizada; o conteúdo e sua contribuição para a formação da capacidade de construção de juízo crítico por meio do literário; e pelas ilustrações presentes no livro.

Quanto ao primeiro aspecto apontado – a linguagem – nota-se que a narrativa-poética apresenta vocabulário fácil, com construções frasais pequenas, facilitando a leitura e contribuindo para a fluidez desta. Observa-se, ainda, que a opção de contar a história por meio de uma narrativa-poética valoriza potenciais cognitivos e imaginativos do público infantil. Como afirma Regina Ziberman (1984, p. 87), “[...] cabe averiguar se os livros falam a linguagem de seus leitores, oferecendo a estes um ponto de orientação

⁴ “Se meu pai era príncipe./o que fazia o pai de meu pai?/Esperneava./ – Vai à caça outra vez? / E Pedro, o Desobediente: / - Dom Anfonso, meu pai, / volto antes da madrugada./ Depois de duas madrugadas/ não voltava.” (MELLO, 2015a).

⁵ “Uma carruagem veio de Castela. / Trouxe Inês para ser ama da princesa Constança. / Princesa Constança? / É, esposa de meu pai. / Ah, sua mãe, / Não, minha mãe era Inês, / essa moça que sorriu quando o príncipe fez / a carruagem parar.” (MELLO, 2015a).

⁶ Expressão usada para se referir a algo que já findou, do qual ou para o qual não há mais necessidade.

⁷ Destaca-se aqui que a presente resenha não tem como foco o contexto histórico, em que pese consideremos relevante uma abordagem nesta perspectiva, daremos preferência aos aspectos da linguagem, da formação de juízo crítico do leitor e das ilustrações presentes no livro.

e entendimento diante de sua realidade existencial e do ambiente dominado pela norma adulta.”

Nesse sentido, é possível perceber que a linguagem adotada em *Inês* enriquece o vocabulário infantil. Isso porque, em que pese não se faça uso de rimas, nota-se, pela construção da narrativa, uma subversão das expectativas do leitor, a desconstrução dos sentidos – há muitas frases que quebram a construção tradicional [sujeito-verbo-predicado] – instigando o/a leitor/a para uma maior interação na leitura. Especialmente pelos diálogos do narrador com o/a leitor/a⁸.

Como afirma Leo Cunha (2005, p. 81-82, grifo do autor), “para a criança, a linguagem é um ‘espaço’ privilegiado para a apreensão e compreensão do mundo. Por isso, brincar com palavras é uma atividade natural, que ela faz com prazer e por prazer.”. Com isso, a narrativa-poética pode despertar ainda mais o gosto pela leitura e pela escrita e, por consequência, “quem gosta de ler e escrever, provavelmente irá usar a linguagem com mais intimidade e segurança, mesmo que jamais se torne um poeta, mas sim um advogado, jogador de futebol, médico, vendedor de flores ou de abacaxis.” (CUNHA, 2005, p. 89).

No que tange ao segundo aspecto aqui destacado, qual seja, a formação de juízo crítico por meio do literário, imperativo considerar que a literatura infantojuvenil “é necessariamente formadora, mas não educativa no sentido escolar do termo; e cabe-lhe uma formação especial que, antes de tudo, interrogue a circunstância social de onde provem o destinatário e seu lugar dentro dela.” (ZIBERMAN, 1984, p. 134). Assim, há que se considerar que a literatura infantil, antes ligada muito mais a questões pedagógicas e alfabetizadoras, alçou outras ligações. Nesse sentido, os temas também passaram a ser outros. De uma literatura fortemente preocupada com questões moralistas, exaltação do trabalho, disciplina, obediência, abriu-se o leque, de modo que atualmente, muitos temas são abordados na literatura infantojuvenil.

Em *Inês*, não temos uma preocupação com aspectos disciplinares (não se faz uso de uma narrativa para ensinar a criança a obedecer aos pais; estudar com afinco; preparar-se para o mercado de trabalho; dentre outros temas). O que temos é uma história de amor bastante peculiar e que é contada por uma criança. Se considerarmos que “a literatura infantil possui um tipo de leitor que carece de uma perspectiva histórica e temporal que lhe permita pôr em questão o universo representado.” (ZIBERMAN, 1984, p. 134), veremos que *Inês* preenche tal demanda. Em que pese a história tenha sua origem por volta dos anos de 1350, ela repercute no imaginário infantil, instiga o leitor, apresenta uma nova maneira de ver o mundo – um final diferente dos finais de contos de fada – e, dessa forma, contribui para a formação e desenvolvimento do senso crítico do/a leitor/a.

Por fim, o último aspecto refere-se às ilustrações presentes no livro. Não há como passar despercebido pela sua direta interação com o texto e com o/a leitor/a. Em *Inês*, os desenhos de cada página remetem para cenas da respectiva narrativa presente na mesma página, porém eles são executados de maneira a “pedir” uma

⁸ Vide nota 6.

leitura/interpretação do/a leitor/a. O diálogo entre a ilustração e o texto não é de mera adaptação da palavra para a imagem, mas sim de uma complementação que também exige leitura, atenção e interpretação da criança leitora.

Conforme Maria Nikolajeva e Carole Scott (2011, p. 32), “se palavras e imagens preencherem suas respectivas lacunas, nada restará para a imaginação do leitor e este permanecerá um tanto passivo. O mesmo é verdade se as lacunas forem idênticas nas palavras e imagens (ou se não houver nenhuma lacuna).” Em *Inês*, as ilustrações não são meramente decorativas e, dessa forma, não proporcionam uma leitura passiva, visto que há espaço para a imaginação do leitor.

Recentemente, a *Revista de História* da Biblioteca Nacional, publicou uma interessante matéria sobre o livro *Inês*, propondo sua leitura em sala de aula como “instrumento para familiarizar as crianças num passado tão distante como o período medieval” (FERRO, 2015). A proposta lança mão das ilustrações para inserir as crianças nos costumes, vestuário e hábitos daquela época. Trata-se aqui de uma atividade voltada para séries iniciais, ressaltando mais as ilustrações que a narrativa.

Por outro lado, se pensarmos na sociedade de hoje, tão voltada para o visual, não deixa de ser uma boa alternativa que a proposta se estenda para séries mais avançadas. Com isso, destacamos que as ilustrações possuem finalidades distintas a depender do público leitor – primeira fase do ensino fundamental e segunda fase –. Porém, muitas vezes, as ilustrações estão ligadas ao processo de alfabetização da criança, mas, como afirma Marilda Castanha (2009, p. 145, grifo da autora), “é como se, aos poucos, durante a trajetória de uma pessoa na vida escolar, ela se ‘desalfabetizasse’ das imagens. Não é por acaso que muitos adultos não se sentem estimulados a visitar museus, galerias de arte ou bienais.” É possível dizer que as ilustrações, em *Inês*, contribuem para a formação crítica do leitor, especialmente porque ultrapassam a reiteração de informações. Elas acrescentam leitura porque demandam interpretação do/a leitor/a.

O autor de *Inês*, Roger Mello (2015), afirma que “a função da literatura é difusa, é a liberdade de expressão, a formação de um leitor crítico. [...] o livro infantil não serve para nada, não tem função, a função é tirar a função, é despragmatizar”. A literatura infantojuvenil assume papel fundamental na formação crítica do leitor – rompendo com sua origem pedagógica e disciplinadora –. *Inês* não deixa de ser uma porta para que o leitor/a busque novas leituras (os poemas alhures mencionados; a história de Portugal referente a este tempo, por exemplo). O que, certamente lhe remeterá para toda uma nova literatura, quem sabe até então desconhecida. Talvez essa seja a despragmatização incumbida à literatura infantojuvenil, a de tornar o/a leitor/a livre para novas buscas de leituras fora dos muros da escola.

Bianca Rosina Mattia
biancamattia@gmail.com
Universidade Federal de Santa Catarina

Referências

- CASTANHA, Marilda. A linguagem visual no livro sem texto. In: OLIVEIRA, Ieda (Org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2009. p. 141-161.
- CUNHA, Leo. Poesia e humor para crianças. In OLIVEIRA, Ieda de. (Org.). O que é literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 77-90.
- FERRO, Carolina. Inês e a Idade Média. Revista de História. 5 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/livros/ines-e-a-idade-media>>. Acesso em: 31 maio 2016.
- NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. Livro ilustrado: palavras e imagens. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MELLO, Roger. O livro infantil não serve para nada. *Revista Público*, 05 nov. 2015. Entrevista concedida a Rita Pimenta. Disponível em: <<https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/roger-mello-diz-que-o-livro-infantil-nao-serve-para-nada-1713259>>. Acesso em: 31 maio 2016.
- _____. Inês. Ilustrações de Mariana Massarani. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015a.
- ZIBERMAN, Regina. A literatura infantil e o leitor. In: ZIBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cadermatori. Literatura infantil: autoritarismo e emancipação. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984. p. 61-134.